



# Trocados

***Maria Emilia Darwich Apgáua***

*Cooperada de Oftalmologia*

O cão e o homem viviam por ali, ninguém sabe desde quando. Surgiram não se sabe de onde, se integraram ao cimento da calçada pouco se diferenciando na cor, o homem em andrajos, idade indefinida, o cão acinzentado, parecendo trazer um pouco de jovialidade a dupla.

Moravam na esquina, simbióticos, se aquecendo sobre um pedaço de papelão, embrulhados em plástico preto à noitinha e perambulando pelo bairro durante o dia, que era vencido amealhando um café, restos de alimentos dos bares e dos muitos restaurantes daquele bairro. Inseparáveis, primeiro o homem alimentava o cão, depois a si.

O cão não tirava nunca os olhos dele, absorvendo cada mínimo gesto do homem, num elevar de orelhas ou num agito da cauda, vigilante.

Os vizinhos os ignoravam. Eram parte da rotina da paisagem urbana, iguais a outros, que vinham e iam, sem deixar marcas. Raros tinham gestos solidários, primeiro pelo cão, depois pelo homem. As crianças olhavam com curiosidade e medo, primeiro o cão, depois o homem.

Em dias de chuva, se encolhiam debaixo de alguma marquise e retornavam depois a mesma esquina, mesma vida, existindo sem existir, invisíveis incômodos.

Quem passava e prestava atenção, ouvia a voz sussurrada e grave do homem a falar com o cão, narrando fatos e pessoas, fragmentos de sua história com nomes e sempre se escutando datas, mas ele se interrompia quando percebia estar sendo escutado, ficando em uma mudez desconfiada.

Às vezes eles sumiam alguns dias, parece que voltavam menos encardidos, menos magros, mais mudos e novamente compunham a paisagem da esquina, como o meio fio e a árvore.

Os olhos castanhos de ambos corriam de transeunte em transeunte, discretos, baixos, displicentes, observadores.

Súbito, uma criança que vinha pela mão de sua mãe se desgarrou num minuto de distração e atravessou desarmada a esquina e o meio fio. O homem viu e se atirou, para empurrá-la de volta, num grande salto que assustou o cão. A criança tropeçou, alcançou o passeio, mas o homem ficou entre as rodas do carro, inerte. O cão veio se postou ao seu lado, sem lhe tirar os olhos, tão inerte quanto ele.

Chamaram a ambulância, que levou o homem, deixou o cão. Ele tentou em vão segui-los e, pelo retrovisor, o motorista o viu diluir-se no caminho.